

O DESPERTAR

Boletim Religioso

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

MENSAGEM EPISCOPAL

PERIGOS DO ECUMENISMO

Rev.mo Bispo D. Luís Pereira

ENVIAM-NOS com frequência escritos de várias proveniências, que pretendem alertar contra os perigos do Ecumenismo. Nenhum dos ris-

cos que eles apontam são reais, ou por outra, são-no apenas para certas atitudes, estilo Século XVI, que alguns se obstinam em manter.

Todavia o Movimento Ecuménico, como todas as coisas de valor, tem os seus riscos, ou melhor, corre-se o perigo de o interpretarmos mal. Afinal é o mesmo que acontece com a Bíblia Sagrada; nada mais para desejar que todos os fiéis leiam devota e regularmente as Escrituras; nada tem dado tanta origem às mais estravagantes seitas e infelizes divisões que a incompreensão do que é a própria Bíblia. Nem por isso, todavia, deixamos de continuar a estimular a sua leitura e estudo, feitos porém no contexto da Igreja, único em que as Escrituras podem ser correctamente entendidas.

Para nós, Igreja Lusitana, pequenina minoria num país de quase totalidade nominal de católicos romanos, agora que as nossas relações ecuménicas com Clero e Fiéis da Comunhão Romana, nos últimos tempos tanto se tem intensificado, um dos perigos do ecumenismo, é o de afrouxarmos ou até perder-

mos o nosso zelo evangelístico.

Contudo a raiz deste perigo não está no Movimento Ecuménico em si, mas sim numa falsa concepção que consciente



Igreja Catedral de S. Paulo, Rua das Janelas Verdes — Lisboa

ou inconscientemente se tem, do que é evangelizar num país como o nosso, de velhas e arraigadas tradições católicas.

Tem-se confundido muito no passado e ainda se continua a confundir na maioria das organizações protestantes, evangelizar com fazer proselitismo protestante. Tem-se muitas vezes ficado mais satisfeito por se ter trazido para o protestantismo um católico-romano praticante e bom cristão, do

que por se ter levado a Cristo um ateu ou um indiferente.

E' claro que se tem sempre de respeitar a sinceridade com que num sentido ou no outro, um cristão muda de confissão; mas nem o Movimento E cuménico nem a evangelização, correctamente entendidos, têm que ver com essas mudanças, que de resto em todos os tempos se têm dado e, repetimos, nos dois sentidos.

Evangelizar é proclamar a boa nova a respeito de Cristo como Salvador e Senhor, com o fim de que os homens se reconciliem com Deus e O sirvam em vidas renovadas e a Deus completamente dedicadas, na comunhão da Igreja.

E' natural que católicos romanos apenas de nome, evangelizados por nós, venham a servir a Deus em Comunhão connosco, como é natural que protestantes nominais, evangelizados por nossos irmãos católicos romanos, venham a servir a Deus na Comunhão Romana, embora nem sempre

(Continua na pág. 7)

NÚMERO DUPLO DE «O DESPERTAR» - 16 PÁGINAS

EDITORIAL

Um novo ano, o XVI ano, começou para o nosso boletim «O Despertar» que, depois das conferências em prol da Igreja, realizadas no Porto, em Janeiro de 1950, iniciou em tão boa hora a sua publicação. Muito modesto no início, saindo apenas de longe em longe, em certos dias especiais, continua a publicar-se presentemente, com mais frequência, ainda que sem aquela que seria para desejar.

Logo de princípio teve um objectivo nítido, explícito: criar nos membros da Igreja Lusitana, em todos eles, a noção da sua responsabilidade.

Neste cantinho da Europa, no meio da perturbação geral em que as forças ateístas procuram introduzir-se e confundir a nossa juventude, era necessário marcar com clareza uma posição na Igreja de Cristo. Fanáticos extremistas de ambos os sectores eclésicos, protestantes e católico-romanos, numa visão deformada pelos seus pontos de vista sectários e particulares, perturbavam a serenidade duma paz espiritual em que todos, com calma, pudessem dialogar.

A Igreja Lusitana, desde 1880, aceitando o movimento da Reforma do século XVI como depuradora de inovações desvirtuantes do sentido evangélico e como arauto da liberdade religiosa, mas não negligenciando o passado histórico da Igreja que desde os primeiros séculos vinha afirmando a Fé em bases bíblicas e eternas, a Igreja Lusitana estava numa posição ideal. A sua moderação, o seu anseio de ser compreendida pelos seus irmãos protestantes e pelos seus irmãos católico-romanos, a sua liturgia de estrutura milenária, da melhor tradição católica, a sua música e a sua arte, e tantos outros aspectos pertinentes à sua plena autonomia como Igreja Nacional, eram atributos que cedo ou mais tarde deveriam pesar no consenso geral dos cristãos portugueses.

Quando falamos em Igreja Nacional, queremos sòmente dizer que ela se administra a si própria e procura servir o povo português no que lhe é particular nas suas tradições e no seu modo de ser,

(Continua na pág. 5)

NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

Número do Despertar dedicado ao centenário do Bispo Figueiredo

O número de «O Despertar» ùltimamente publicado em comemoração do centenário do nascimento de D. Joaquim dos Santos Figueiredo, primeiro Bispo-Eleito da Igreja Lusitana, foi recebido calorosamente pelos leitores deste boletim duma forma que não deixou dúvidas sobre o apreço, sobre o entusiasmo com que foi lido. As manifestações directas de aplauso pela iniciativa da direcção deste jornal, as palavras de admiração e de sentida homenagem que ouvimos de muitos sobre a figura histórica de D. Joaquim, as cartas que tivemos oportunidade de ver sobre a mesa da redacção, são prova certa de que não foi em vão que se comemorou a vida de tão exemplar ministro da Igreja. O exemplo que nos legou duma inteira consagração ao Senhor, a coerência que sempre manifestou em todos os actos da sua vida, a coragem, a firmeza duma consciência esclarecida e humilde, obediente aos mais puros sentimentos da Fé e dever cristãos e sem sintomas de egocentrismo ou manifestações pessoais, que possam ser apontadas, dãonos a ideia das suas dimensões como reformador, dirigente, pastor de almas, servo de Deus.

Não nos podemos referir a todos estes Amigos e leitores que se manifestaram. Mas para citar alguns, mencionaremos: rev. Luís Crespo (Angola), Moacir Figueiredo (do jornal «O Estado de S. Paulo»), Mr. Wimbish (dos E. U. A.) Oldsworth (Inglaterra), Frère Robert (Taizé), o venerando Bispo Fiandor, Michel Margot (Suiça), o boletim da SOEPI do Conselho Mundial de Igrejas, o «Clarim Evangélico» do Rio de Janeiro e mesmo alguns dos nossos irmãos separados. Apesar do muito pouco espaço de que dispomos, não resistimos ao desejo de publicar a carta do que foi companheiro de tantos anos do Bispo Figueiredo e depois seu sucessor e, igualmente, alguns extractos da carta de um querido irmão separado, que, a exemplo de tantos outros, tem procurado compreender-nos e avaliar os valores dos reformadores portugueses e do movimento evangélico em geral.

Carta do Bispo Fiandor

«Felicito a direcção de «O Despertar» pela publicação dos n.ºs 53/54, comemorativos do Centenário de D. Joaquim dos Santos Figueiredo, meu nunca esquecido Professor, Amigo e, sobretudo, exemplo em fé e no Serviço da Igreja.

Ainda bem que em acto de justíssima e merecida homenagem se lembra a sua inesquecível memória.

Confirma-se hoje o que eu dizia no «Portugal Evangélico» de 1937: «acabou a sua carreira, guardou a fé».»

Extracto da carta dum irmão separado

«Nos números 53/54 do «Despertar», dedicado a D. Joaquim dos Santos Figueiredo, entusiasmou-me sobretudo:

- 1.º a «descoberta» feila por ele (nessa época!) dos valores vilais da Bíblia;
- 2.º a intrepidez de carácter em não aceitar uma retractação imposta contra a sua consciência, fruto tal imposição duma concepção de autoridade religiosa que é a morte da liberdade evangélica;
- 3.º a lucidez em se baler pela reforma dos Seminários e pela formação dos sacerdoles em moldes evangélicos, ao mesmo lempo que consoanles com os lempos actuais;
- 4.º a lula pela liberdade de consciéncia e isenção eclesial em face dos interesses e oportunismos políticos; etc.

Hesito no meu juizo sobre se as «soluções» adoptadas por D. Joaquim são 100% válidas e generalizáveis; e se são ainda hoje as mesmas que ele adoptaria, se revivesse a experiência religiosa com a mesma alma de 1891/1892.

Mas não duvido em afirmar que a stitude de espírito, a opção de jundo, hoje é tão válida como então; tão apta para nós como para ele.

Por isso, regozijo-me por ter tomado conhecimento com uma figura de homem evangélico, cujo testemunho é de imitar e proclamar. E, na medida do meu tempo, tentarei rever a história do cristianismo e da Igreja em Portugal nestes últimos 100 anos, tendo em conta alguns «factos notáveis» lançados pelo n.º de «O Despertar» na mesa redonda dos debates.»

O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DESTINADO AOS FIÉIS DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIPEDO Corpo Redactorial:

> SAUL DE SOUSA — Redector principal JOÃO SOARES DE CARVALHO DAVID RODRIGUES PEREIRA

Correspondentes:

Porto - A. FERREIRA ARBIOL Rua do Cativo, 6- Porto

Brasil - OCTACÍLIO M. DA COSTA

Edificio Pio XII, Apt. 207-Petrópolis.

Rio de Janeiro

Redacção - Calçada das Lages, 6 - Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira—Tel. 163

NOT4: Toda a permuta deve ser enviada à Redacção.

Encontro sobre Ecumenismo

Nos dias 29 e 30 de Janeiro, a Liga Universitária Católica promoveu um «Encontro sobre Ecumenismo» que merece, pelo nível elevado que atingiu, uma menção especial da nossa parte. De forma alguma podemos silenciar perante tais iniciativas cheias de boa vontade e em que é patente o esforço, a sinceridade, o desejo de comunicação com os seus irmãos separados.

Estavam presentes alguns ministros de diferentes Igrejas Evangélicas e o nosso director, que estabeleceram diálogos com alguns dos conferentes. Acolhidos sempre com simpatia e amor cristão puderam exprimir o seu pensamento e colaborar assim neste encontro que ficará histórico nos anais do ecumenismo português.

Os assuntos tratados foram — «A Unidade da Igreja e Humanidade», pelo P. Bento Domingues, O. P., «Os valores positivos dos cristãos separados» pelo P. Jean de la Croix Kaelin, O. P., «Teologia do Movimento Ecuménico» pelo P. A. Montes, O. F. M., «Princípios do licumenismo Católico» pelo P. dr António Ribeiro, «Diálogo e acção ecuménica em Portugal» pela Eng.ª D. Maria de Lurdes Pintassilgo, «Missão Ecuménica do Intelectual Católico» novamente pelo P. Jean de la Croix Kaelin.

Fizeram-se afirmações notáveis, de tendências abertas e largas dimensões espirituais. Lutero, Calvino e outros reformadores foram estudados sob o ponto de vista dos seus valores positivos. Não se esconderam os erros dos homens na sua visão deformada da Igreja no decorrer da história da Igreja Católica Romana.

O mal que o fanatismo e a intolerância religiosa originaram, separando, isolando o mundo cristão e esta pobre humanidade em compartimentos estanques, foi focado com objectividade e sem hesitações ou receios.

A colaboração dos observadores protestantes no Concílio Vaticano II foi considerada como um dos factores mais importantes da obra extraordinária deste Concílio. Um observador protestante expondo, quando consultado, o ponto de vista da Igreja Reformada sobre tal ou tal assunto, contribuiu bastante, segundo foi afirmado por um dos oradores, para o esclarecimento de ideias, para o aplanamento de dificuldades, para uma maior clareza evangélica das conclusões conciliares.

O papel da Universidade, dos intelectuais, dos leigos esclarecidos pelo estudo e por uma cultura posta humildemente ao serviço de Deus, foi reputado como indispensável para o progresso da Igreja. O trabalho dos pastores de almas nas suas paróquias tem de ser ajudado pela especulação dos problemas feita pelos intelectuais cristãos. Clero e Leigos, não divididos por planos verticais, embora cada um se situe particularmente nas funções que Deus lhe destinou, devem colaborar estrictamente unidos nos planos da Igreja num objectivo comum — o alargamento do Reino de Deus.

Por estes apontamentos rápidos, nesta nota curta, pode o leitor fazer uma ideia do pensamento elevado dos meios católicoromanos da vanguarda intelectual, dos quais muito há a esperar pela sua contribuição no progresso em Cristo de todos os cristãos: católicos, protestantes e ortodoxos. E em Cristo todos nos encontraremos.

Antologia Devocional

CREDO IN SANCTAM ECCLESIAM

...Certamente a Igreja tem um rosto humano, mas este rosto humano encobre (ou descobre) o seu rosto divino. Faz parte do mistério da Igreja esta presença e manifestação e actuação do Espírito Santo através dos membros enfermos que somos nós. A Igreja está no mundo como Nosso Senhor Jesus Cristo quando passsou entre os homens na Sua humanidade passível, menos o pecado. A Sua humanidade era o sacramento de Deus salvador e redentor no meio dos homens.

Ninguém mais que os seus filhos sofre com as manchas que desfiguram o rosto humano da Igreja. Não obstante, cremos nela e amamo-la mais que a nossos pais, ao nosso nome, à própria vida — porque é ela que nos dá Cristo, que nos revela a verdade, que gera e forma em todo o tempo a santidade.

Cardeal Cerejeira (de «O Padre e a Hora Actual»)

O FUNDAMENTO DA IGREJA

- i. Da Igreja o fundamento é Cristo o seu Senhor, que um novo mandamento lhe dá, o mútuo amor. Quis ser o seu Esposo, com sangue a resgatou, E dá-lhe o Seu repouso p'la cruz que suportou.
- 2. Saíu da vária gente,
 mas os preceitos seus
 são: «uma fé sòmente,
 um só baptismo, um Deus!»
 Um Nome só proclama,
 procura um só manjar,
 um alvo só a chama
 num só amor sem par.
- 3. O mundo vê e passa, julgando, com desdém, que o cisma despedaça o corpo que ela tem...

- Dos santos eis o coro: «Ah! Quando é que será que desta noite o choro em gozo findará?»
- 4. Em lutas, dentro e fora, que o testemunho traz, a Igreja anela a hora da sempiterna paz, até que, ansiosa, veja as bênçãos do porvir e, grata e bela Igreja, repouso vá fruir.
- 5. Aquele cuja graça chamou por Abraão, é Quem une e congraça tão grande multidão.

 Que nós, recem-chegados à inumerável grei, juntemos nossos brados na aclamação do Rei!

Acção Bíblica e Acção Ecuménica

Rev. dr Daniel Pina Cabral

Durante a V Semana Portuguesa de Teologia, realizada em Dezembro do ano findo, o rev. dr Pina Cabral foi convidado a introduzir um dos colóquios, cujo tema era «Acção Biblica e Acção Ecuménica». Os nossos irmãos católicos romanos quiseram assim manifestar a sua simpatia e a sua boa vontade na compreensão dos seus irmãos separados, convidando-o a falar sobre um tema que sem dúvida muito dizia respeito aos que estão ligados à Reforma Religiosa do século XVI. — N. R.

Sinto-me muito feliz por um homem com a minha qualificação vulgarmente chamado um pastor protestante — poder estar aqui convosco. Certamente, isto é motivo para darmos graças ao Senhor da Igreja.

Gostaria, porém, que não fosse eu, mas outro mais capaz. A minha formação é de jurista, não de teólogo; e a verdade deve confessarse: se esta reunião fosse de juristas, a tratar neste mesmo alto nível, questões de Direito, eu não me atreveria a falar — calava-me para aprender.

Aceitei o convite que me foi dirigido, bem consciente de haver nesta aceitação uma grande temeridade, uma dose muito pesada de atrevimento, embora não daquela ignorância que, por se ignorar a si mesma, se faz ousada.

Entendi que no convite para vos introduzir um tema de diálogo, mais importou o generoso desejo de que estivesse aqui e vos falasse um homem vindo donde eu venho, do que a expectativa da validade daquilo que esse homem vos pudesse dizer. Por detrás desse convite, estava, como julgo, a intenção de fazer sentir, visível e pùblicamente, que o ecumenismo também é para Portugal. Em tais condições, apesar de medir a pequenez do meu contributo imediato, ser-me-ia impossível não colaborar na realização do que julguei o principal propósito do convite que me foi dirigido e que agradeço.

Há cerca de um ano, ouvi uma magnífica conferência sobre o Movimento Ecuménico, e pareceumenter sido então dito mais ou menos isto: o ecumenismo em Portugal não tem tido projecção por falta de interlocutores para os teólogos católicos-romanos. Admitindo que essa fosse a ideia da conferente, quereria aproveitar este feliz ensejo para fazer uma observação que me parece ter muito interesse ecuménico.

De facto, em Portugal, o cristianismo não católico-romano é, intelectualmente, secundário. Não temos nem um Barth, nem um Thurian, nem um Ramsey, nem um Niebuhr, nem nada que, de perto ou de longe, se pareça com isso. Os teólogos católicos romanos portugueses — que o sejam e onde estejam — terão dificuldades em achar interlocutores. Este facto, todavia, só deve contribuir para enriquecer a acção ecuménica da Igreja Católica Romana em Portugal.

Se se desfavorecesse audiência de protestantes, com o comentário de que isso seria dar-lhes direito de cidadania, cometer-se-ia um grave erro.

A dimensão ecuménica alargar-se-á muito para a Igreja Católica-Romana Portuguesa se abarcar o esforço de amor em compreender aquilo que os cristãos separados, pensam e querem.

Deram-me como tema, para o diálogo que seguirá, as palavras: «ACÇÃO BÍBLICA E ACÇÃO ECU-MÉNICA».

Que se entende por «acção bíblica», neste contexto?

Creio que é, na intenção de quem fixou o tema: a acção da Bíblia no ecumenismo, ou seja, a Bíblia como agente do Movimento Ecuménico.

Desde já queria esclarecer um ponto: se o ecumenismo é uma vivência espiritual da Igreja, um dom do Espírito Santo à Igreja, criador de uma nova atitude nos cristãos separados em ordem à unidade, então a Bíblia, só por si, não é agente de ecumenismo. E', se tanto, meio instrumental. Fica já afastada a bibliolatria.

O que deve perguntar-se, portanto, é se o Senhor da Igreja — o Pai das Luzes donde procede toda a boa dádiva, todo o dom perfeito — está convocando os cristãos a um estudo mais aprofundado, e em comum, da Bíblia para criar ou reforçar a atitude ecuménica, e, ultimamente, para recriar a unidade.

Por outras palavras: fazendo os cristãos um estudo em comum da Bíblia, ou prosseguindo nele mais intensamente, reforçarão ou não a atitude ecuménica já existente?

Tudo indica que sim!

Durante séculos, a Bíblia, ou a atitude dos cristãos em face da Bíblia, foi o grande agente da divisão dos cristãos. Tem sido a espada brandida pelo protestantismo contra a Igreja Católica Romana a tal ponto que entre o povo católico--romano vigorou a ideia - ainda mal extinta — de que a Bíblia é um livro protestante; e, por outro lado, certa forma de protestantismo fezse gala de ser a RELIGIÃO DO LIVRO. Com exagero, mas com verdade, pode dizer-se que, enquanto no catolicismo romano, a Bíblia era acatada com prudentíssimas cautelas e lida com fortes coeficientes do Magistério Infalível; no protestantismo, em certos sectores, se gerava uma bibliolatria. Assim os protestantes isolavam a Bíblia da Igreja e os católicos romanos, a Igreja da Bíblia — isto, na prática, pelo menos. Nas controvérsias azedas entre eles, numa pequenez de horizontes, acontecia que a Bíblia era como um pomo de discórdia.

Hoje, porém, observamos, com surpresa, que as coisas se modificaram. Da parte do protestantismo, há uma procura ansiosa da Igreja: Una Santa e Católica; da parte do catolicismo romano, uma revalorização ou reposição da Biblia. Ora, dentro do protestantismo, no século passado e no princípio deste século, a maior preocupação dos teólogos parece ter sido a de fixar ideias acerca da própria Bíblia, com a alta-crítica e a reacção neo-ortodoxa; damo--nos conta de que começaram a ler a Bíblia de modo diferente, tendo-se-lhes tornado necessária a revisão da categoria «Igreja».

Julgo que em larga medida, por influência deste sério esforço dos teólogos protestantes, surgem na Igreja Católica Romana dedicações novas à Bíblia, originando a riqueza de uma teologia bíblica, para tantos, verdadeira revelação.

Pois bem: a atitude ecuménica parece crescer com este debruçamento sobre a Bíblia, que primeiro se materializou dentro da cristandade não romana, e seguidamente explodiu nesta última. Por indução, concluímos que a Bíblia, na atitude nova que se tomou perante ela, se revelou fonte de unidade dos cristãos.

O dr Visser't Hooft — Secretário geral do C. M. I. e, por isso, particular autoridade nesta matéria — em Maio deste ano, disse o seguinte à Assembleia anual da British and Foreign Bible Soc.:

«É facto digno de registo que o crescimento do movimento ecuménico teve lugar na altura da renovação da teologia bíblica. Homens e mulheres de procedências confessionais muito diversas começaram a compreender-se mùtuamente, por causa do seu desejo comum de prestarem atenção à Palavra original. Se hoje existe esta nova possibilidade de diálogo entre a Igreja Católica Romana e outras Igrejas, é também devido ao facto de que o reavivamento sem precedentes entre teólogos e leigos nessa Igreja é bàsicamente «a resourcement» uma refontalização, um voltar à fonte, tendo nós assim, através das fronteiras eclesiásticas, um universo comum de discussão, uma linguagem comum. Como alguém que tem tido o privilégio de participar em muitas discussões com irmãos católicos romanos posso testificar que hoje em dia, algumas das principais linhas divisórias não se estabelecem entre as Igrejas, mas entre aquelas pessoas de todas as Igrejas que firmemente se fundamentam na Bíblia e aquelas outras cujo pensamento é dominado por outras considerações».

Julgo, portanto, poder afirmar-se que foi mediante o estudo da Bíblia, numa humilde procura de ouvir a Palavra Viva do Senhor da Igreja, que os cristãos, separados uns dos outros, sentiram o seu coração a arder no desejo da unidade. Este é um facto da experiência.

Até este ponto, a Bíblia é um instrumento causal do ecumenismo. E se os cristãos continuarem a querer ouvir a Palavra do Senhor—sem insistirem em ler na Bíblia os seus preconceitos—a experiência de todos os tempos da Igreja, e todos os santos da Igreja, convence-nos de que ela tem ainda muito mais para lhes dizer.

Mas não lhes dirá tudo!

A Bíblia é fonte comum de Fé para os cristãos, sem excepção: para uns, fonte exclusiva; para outros, critério último da Fé tradicional na Igreja; para outros, uma das fontes da Fé, «pede equo» com a Tradição, expressa esta por um Magistério Infalível. De qualquer forma, ela é sempre fonte de Fé para todos. Todos nela procuram ouvir a Palavra de Cristo, «hic et nunc».

Mas, apesar disso, a Bíblia só por si não pode unir-nos. Suzana de Diétrich escreveu: «Se o livro nos pudesse unir, este livro seria um outro Corão, e nós ainda estaríamos debaixo da Lei. Só o Deus Vivo, que nos fala através da Bíblia, pode unir-nos. A unidade sempre vem como um dom de cima».

Os cristãos abrem as Escrituras; lêem-nas em amor, já não em ódio teológico; e a Palavra Viva vem; vem e os seus corações ardem na ânsia da unidade; mas por muito que lhes arda o coração não descobrem a unidade.

Àqueles dois discípulos que iam na estrada de Emaus, a Palavra do Senhor revelava-lhes as Escrituras; e os seus corações ardiam; mas só perceberam o Senhor no «Partir do Pão».

Daniel de Pina Cabral

Novo Secretário do Conselho Mundial das Igrejas

Em substituição do dr Visser't Hooft, que por mais de 25 anos exerceu, de modo brilhante, o cargo de Secretário Geral do C. M. I., foi nomeado o rev. E. Carson Blake. O novo Secretário é da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos e possui já notável «curricu-

lum vitae» ecuménico.

Certo jornal católico-romano chama-lhe o novo «papa» protestante, mostrando-se assim curiosamente de acordo com os adversários protestantes do Movimento Ecuménico que consideram o C. M. I. como uma superigreja... Ora o C. M. l. não é, não pretende, nem pode ser, por definição, uma superigreja, nem tão pouco é um «conselho de Igrejas protestantes» como alguns insistem em chamar-lhe, visto que grande parte das Igrejas nele representadas, como as Igrejas Ortodoxas, as Velho-Católicas, etc., não são protestantes; além de que actualmente colabora com ele, de modo oficial, a própria Igreja Católica Romana.

EDITORIAL

(Continuação da pág. 2)

sem todavia deixar de se integrar na Igreja Universal de Cristo, que històricamente se chamou a si própria Católica e Apostólica.

O «Despertar» tem procurado acordar em todos nós estas verdades e tem querido criar a consciência em todos os fiéis duma contribuição que, sem excluir o mais humilde, deve ser dada por todos na expansão do Evangelho. Porque se todos os crentes não cooperarem activamente com o clero, pela força da sua inteligência e pela sua acção, a Igreja Lusitana trairá a sua vocação e tornar-se--á estática e contemplativa. E não é isto a herança que os nossos pais nos legaram na visão larga e dinâmica que tiveram, quando em 1880 restauraram a Igreja Lusitana.

Os acontecimentos que se têm dado no mundo cristão desde o advento de João XXIII até ao presente, em que o Concílio Vaticano II ultrapassa, em perspectivas, o que poderiam ter pensado os mais avançados pioneiros da vanguarda católico-romana, estes acontecimentos extraordinários, todos em si, pelo muito que se identificam com as nossas aspirações, animam-nos mais do que nunca a prosseguir, firmes nos nossos propósitos.

E mais. Aceitando o diálogo e a cooperação entre todas as Igrejas, reconhecendo-lhes os seus valores espirituais e dinamizando a nossa acção, muito poderemos auxiliar o homem a libertar-se dum mundo que o esmaga. E essa liberdade está só no Evangelho de Cristo. Só Cristo nos poderá dar a Paz que o Mundo anseia. «Buscai primeiro que tudo o Reino de Deus e a Sua justiça, e tudo o mais vos será acrescentado» (S. Mateus 6.33).

OPINIÃO AUTORIZADA

acerca do Il Concílio do Vaticano

Não foi resolvida ainda nenhuma das questões fundamentais de doutrina que nos separam, mas os acontecimentos "de facto» estão a ir mais depressa do que as definições "de iure».

Visser't Hooft

Imobilismo Católico no Diálogo Ecuménico?

Que pensam os católicos romanos sobre ecumenismo? Temo-los ouvido e sentido palpitar um anseio de comunicação, de esquecer duma vez ressentimentos, incompreensões, polémicas agressivas. Se os protestantes sofreram nos países católicos durante muitos séculos, não pensemos que, apesar do liberalismo da Reforma do século XVI, os católicos romanos também não sofreram nos países protestantes. É patente, pois, que houve intolerâncias passadas de ambos os lados. Abramos o coração, portanto, sem reservas ou ideias preconcebidas, ao que os nossos irmãos separados nos querem agora dizer. Ouçamo los, pois. Este artigo é traduzido, com a devida vénia, da «Civiltá Cattolica—16 de Janeiro de 1965— N. R.

A Semana de Oração pela Unidade (18-25 de Janeiro) reveste-se este ano de particular significado porque vem a seguir à promulgação do decreto conciliar sobre o ecumenismo, que a precedeu de apenas dois meses. Este documento efectivamente não é sòmente o fruto maduro das orações que se elevaram a Deus durante estes últimos anos, na Igreja Católica e entre os irmãos separados, particularmente durante a Semana da Unidade, mas deve incitar-nos a rezar ainda mais, porque o que já foi feito mostra bem como o fim a atingir ainda está longe e até fora de alcance sem uma ajuda particular de Deus, que só a oração pode obter. O Decreto, efectivamente, termina dizendo que «a reconciliação de todos os cristãos na Unidade de uma só e única Igreja de Cristo ultrapassa as forças e as capacidades humanas».

Como se sabe, as dificuldades e os obstáculos que se opõem à unidade de todos os cristãos na única Igreja de Cristo são essencialmente de ordem dogmática, mas as dificuldades de ordem psicológica também têm a sua importância. Parece-nos ser a principal o receio - ou a suspeita - da parte de numerosos irmãos separados que os católicos não sejam sinceros na maneira de se exprimirem, que se esforçam por falar com termos «dolicodoces» para atenuar a dura realidade; que quando falam de «restauração da unidade» que seria preciso subentender «retorno» puro e simples dos irmãos separados à Igreja Católica, quer dizer o «retornos» dos «errantes» à «verdadeira» Igreja que é a Igreja de Roma. E assim que o ecumenismo católico aparece aos cristãos não católicos — ou pelo menos a mui-tos deles — como arma psicológica para lhes obter a capitulação à Igreja Romana, sem os magoar

e sem levantar protestos da parte deles. Não acusam é certo os católicos de falta voluntária de sinceridade ou de lhes tramarem qualquer armadilha. Sabem muito bem que há hoje no mundo católico uma forte corrente de simpatia e sobretudo uma grande caridade para com eles. Sabem que os católicos os não querem ofender nem magoar, que aspiram ardente-mente a abraçá-los de novo na unidade da fé e do culto. Mas sentem que não podem aceitar esta forma de caridade, porque ela tem tendência a esconder o que poderia ofender, quer dizer o que pensam e querem realmente os católicos, porque, por outras palavras, ela conduz à falta de sinceridade.

Este receio e esta suspeita dos nossos irmãos separados para com os católicos terão algum fundamento? Será verdade que os católicos pensam uma coisa e por caridade cristã dizem outra?

Só de há uns anos para cá é que a preocupação ecuménica se tornou universal na Igreja Cató-lica, graças a João XXIII e a Paulo VI e particularmente sob a influência do Concílio que, com o decreto De oecumenismo, lhe deu bases sólidas e estrutura coerente. Não é de espantar por isso que os princípios católicos do ecumenismo não sejam ainda plenamente conhecidos e — o que é mais importante - não tenham sido ainda assimilados de maneira viva por certos católicos. Efectivamente, há muitos que falam como se nada se tivesse passado na Igreja nestes últimos anos ou que, mesmo acolhendo perfeitamente certas expressões hoje em voga ou ainda usando linguagem ecuménica, conservam por detrás dessa nova linguagem uma mentalidade e certas categorias manifestamente herdadas da polémica anti-protestante dos séculos passados. Esta perdeu hoje toda a sua acrimónia mas é compreensível que certos preconceitos aos quais ela deu origem possam persistir ainda hoje, sob o véu de uma caridade que, apesar de todas as aparências, é sincera.

Certos católicos, quando falam da unidade de todos os cristãos na verdadeira e única Igreja de Cristo, não podem imaginá-la senão como um «retorno» dos protestantes «heréticos» e dos ortodoxos «cismáticos» à Igreja Católica. Empregam uma linguagem nova mas a concepção que fazem da unificação permaneceu-lhes no estádio original, como se os séculos tivessem passado inùtilmente. De toda a maneira seria grave erro atribuir à Igreja Católica, como sendo a sua doutrina oficial, o que dizem alguns dos seus filhos. Na realidade, o pensamento oficial da Igreja sobre o problema ecuménico está hoje plenamente expresso no Decreto sobre o ecumenismo aprovado pelo Concílio a 21 de Novembro de 1964. É a ele que devem recorrer todos aqueles que quiserem saber o que a Igreja pensa do problema da sua unidade. Evidentemente, as expressões usadas pelo Decreto devem ser entendidas no seu sentido próprio, tais como são, excluindo toda a dissimulação mais ou menos diplomática e de toda captatio benevolentiae.

Se agora formos ler o Decreto verificamos imediatamente que a maneira como ele agora aborda o problema ecuménico é radicalmente nova. Já não se fala mais em «retorno» dos irmãos separados à Igreja Católica mas de «restauração da unidade», de «restabelecer a unidade entre todos os discípulos de Cristo», de «plena comunhão com a Igreja Católica». A diferença entre as duas concepcões é importante. O «retorno» efectivamente supõe da parte da Igreja imobilismo e espera, enquanto que da parte dos irmãos separados supõe a renegação de todo o seu passado. A «restauração da unidade», pelo contrário, implica uma concepção dinâmica, um movimento para a unidade. Não são só os irmãos separados que devem avançar para

a Igreja Católica, mas também é esta que deve avançar para os seus irmãos separados.

O ponto de partida de este duplo movimento deve ser o reconhecimento da parte de cada um nas faltas das cisões do passado. Certamente que na rotura da unidade são gravemente culpados os que tomaram a iniciativa de lacerar a túnica de Cristo; mas são igualmente culpados os que lhes forneceram o pretexto ou motivo da rebelião. Por sua parte a Igreja Católica reconhece - e pede perdão disso a Deus e aos seus irmãos separados - as faltas dos seus filhos: as do passado que, no Oriente e no Ocidente facilitaram as cisões no único Corpo de Cristo e estas do presente que tornam difícil a «restauração da unidade». É por isso que o Decreto convida os católicos a um exame de consciência a fim de procurar o que na Igreja deve ser renovado ou reformado para que o seu testemunho cristão seja mais claro e mais fiel aos ensinamentos de Cristo e dos Apóstolos; e lembra a necessidade para todos os católicos de tenderem para a perfeição cristã a fim de que resplandeça melhos aos olhos dos irmãos separados o verdadeiro rosto da Igreja.

Mas a Igreja não se contenta com um movimento de renovação espiritual e de reforma moral. Ela quer ir ao encontro dos irmãos separados igualmente no plano da doutrina e da disciplina eclesiástica, não lhes exigindo o abandono de nenhum elemento autênticamente cristão da tradição deles. E necessário no entanto fazer notar que isto não faz parte de um plano estratégico destinado a facilitar a «conquista» dos cristãos não católicos. Por outras palavras, não se trata para a Igreja de uma tolerância amável destinada a não magoar os irmãos separados e a não criar impedimentos à união, porque o motivo, que leva a Igreja a agir assim, é muito mais alto e mais nobre: ela reconhece com alegria que entre os irmãos separados há «valores realmente cristãos que nasceram do património comum» e que «tudo o que se deu pela graça do Espírito Santo nos nossos irmãos separados pode contribuir para a nossa edificação». E por isso que «nada que não seja realmente cristão nunca se oporá aos verdadeiros valores da Fé, mas tudo isso pode contribuir para fazer penetrar sempre

mais perfeitamente no mistério de Cristo e da Igreja». Por outras palavras, a Igreja espera da plena comunhão com os nossos irmãos separados um enriquecimento, uma contribuição para a manifestação da sua catolicidade, um crescimento autêntico: não serão sòmente os irmãos separados que irão receber da Igreja Católica aquilo que outrora perderam ao abandoná-la mas a própria Igreja será enriquecida pelas contribuições novas e originais dos irmãos separados.

Na base desta convicção da Igreja, há uma nova revalorização do património doutrinal e litúrgico das comunidades cristãs separadas de Roma. A Igreja Católica, com efeito, considera que pela presença de elementos do autêntico património cristão - presença que nos Orientais existe na maioria desse património-e pela presença do Espírito Santo que nunca deixa de agir nas almas rectas e sinceras, santificadas pelo Baptismo e animadas pela fé em Cristo, pôde, igualmente nas comunidades cristãs separadas dela, desenvolver elementos de doutrina e de culto que, sem necessàriamente deverem ser aceites integralmente, podem no entanto integrar-se na síntese católica e enriquecê-la. Estes elementos podem mesmo ajudar a corrigir os excessos ou os defeitos nos quais a Igreja, sob a influência das circunstâncias históricas, pôde cair no decorrer dos séculos. Na realidade, este enriquecimento da Igreja em contacto com a teologia ortodoxa e protestante - e particularmente com a exegese protestante - existiu e continua ainda a existir sob diversas formas. O movimento bíblico, hoje tão florescente na Igreja, e que dá frutos tão abundantes, não deixa de ter relação com a veneração dos protestantes pela Bíblia, com o uso frequente que dela fazem e sobretudo com os seus estudos bíblicos.

Mais a inda - e precisamente para se preparar para o encontro com os irmãos separados—a Igreja esforça-se para reencontrar a sua face verdadeira, libertando-a de certas superestruturas e incrustações do passado, gloriosas e veneráveis talvez, mas que se arriscam a abafá-la. Por um esforço de aprofundamento e de desenvolvimento, e igualmente numa perspectiva ecuménica, ela quer repensar o seu património doutrinal

e disciplinar, de certo não para realizar modificações de fundo ou para os adaptar ao gosto actual, mas para ser mais fiel a Cristo e ao Evangelho, e para não impor aos cristãos separados mais do que aquilo que é necessário para encontrar a antiga unidade.

Deste modo, a Igreja não espera o «retorno» dos irmãos separados, permanecendo imóvel e embrulhando-se numa altiva dignidade, mas ela avança para eles com humildade e respeito, fazendo aquilo que está no seu poder para facilitar o reencontro, para afastar todos os obstáculos, no desejo de servir, e não com a ambição de dominar os outros e de conquistá--los. A unidade de todos os cristãos na única Igreja de Cristo será não a vitória da Igreja Católica mas a vitória de Cristo e da fidelidade de todos nós - católicos e não católicos — às directrizes do Espírito Santo que é o Espírito da unidade.

A partir desta visão, é possível um diálogo sincero e fecundo.

Trad. TERESA M. MARTINS DE CARVALHO

MENSAGEM EPISCOPAL

Perigos do Ecumenismo

(Continuação da 1.ª pág.)

assim aconteça.

A verdade porém é que a multiforme massa de portugueses descristianizados, não poderá ser evangelizada só pelos nossos irmãos católicos romanos, pelo menos na presente conjuntura. Portanto, hoje como ontem, o nosso testemunho católico-evangélico continua inteiramente válido, sem que todavia a nossa limitada acção impeça necessàriamente as nossas boas relações ecuménicas com os cristãos em comunhão com Roma.

E' preciso porém que ao contrário de muitos outros, façamos distinção entre evangelizar e fazer proselitismo.

De resto, vendo bem as coisas, o Movimento Ecuménico é dos maiores incentivos à evangelização. O fim último do Movimento Ecuménico, não é só a reunião de todos os cristãos, mas sim a reunião de todos os homens em Cristo, em volta da Sua Mesa. Portanto, evangelizar, no seu sentido autêntico, é fazer bom e genuino ecumenismo.

+ Luís, Bispo

O rev. Tyson já é conhecido dos nossos leitores. Temos novamente o prazer de inserir nas nossas colunas um belo estudo sobre o Concílio Vaticano II, exposto numa Reunião Ecuménica em Janeiro último, durante a Semana de Oração pela Unidade.

PEDIRAM-ME que falasse resumidamente acerca do Concílio Vaticano II, para que, sobre ele dissesse algo das minhas impressões. Para já quero afirmar que as minhas impressões são boas, de tal maneira que até estou um pouco atónito.

Numa ocasião em que todos nós podemos tão fàcilmente tornar-nos temerosos, como o antigo Israel, pela segurança da Arca de Deus, e sermos perturbados por uma espécie de solicitude pela Fé e pelo próprio Deus, o Concílio significou para muitos de nós um despertar de esperança, uma espécie de crescente alegria interior, pois no todo foi uma advertência, através das suas sessões - por vezes tempestuosas — de que a Igreja é criação de Deus, não fraca instituição humana, e que o Espírito Santo não a abandonou mas força as limitações que algumas vezes poríamos ao livre curso da Palavra de Deus e que mesmo agora, em dias de tribulação, vive sobre a égide da providência divina.

É das IMPRESSÕES que me ficaram que vou falar — não dos seus trâmites em pormenor ou das suas descobertas — sòmente das impressões. Falo como alguém que não esteve lá e que não leu as informações oficiais. Falo também como membro da Igreja Reformada, para quem algumas coisas acerca do Concílio e feitas no Concílio, foram estranhas e às quais é impossível dar cordial aprovação. Porém não falo polèmicamente. A boa impressão causada proíbe comentários polémicos nesta fase.

Pensando no Concílio, há um trecho das Escrituras que insistentemente vem ao meu pensamento, aliás dois trechos. O primeiro é: «houve um homem chamado por Deus cujo nome era João». E vem ao meu pensamento associado com o Papa João XXIII»

Todos os papas, como todos os homens, dos maiores aos menores, dos mais religiosos aos mais ateus, são instrumentos. Contudo alguns são-no mais, e João era desses. Foi, consciente e obedientemente, instrumento de Deus, isto é, foi agente de Deus. Como se sabe, a Igreja Reformada não tem estado nem está de acordo com o Papado e impugna-o como suprema autoridade na Igreja com o faz, aliás, em relação a entidade eclesiástica que pretenda — deveríamos antes dizer, se atreva a pretender — tal poder, mas isso não nos impede de considerar os Papas e dignitários da Igreja como homens de Cristo, homens do Espírito Santo,

O CONCÍLIO

visto por um

devotos, fiéis agentes de Deus. E para muitos de nós o Papa João foi maravilhosamente tudo *isso*.

Recordamos que foi devido à sua real preocupação pela Igreja Católica Romana, sua reforma e «aggiornamento» que o Concílio foi convocado, malgrado alguma forte oposição.

Recordamos que foi em virtude da sua visão e mais interesse por todos os Cristãos e pelo Mundo atribulado dos nossos dias, que o Concílio se tornou, de facto, ecuménico, mesmo que essa não fosse a intenção inicial, ecuménico no sentido de ter em consideração outras Igrejas fora da jurisdição Romana. Com insistência João conduzi-o dessa maneira. Ou melhor, o Espírito ao qual era obediente, fê-lo assim. E nós, os da Igreja Reformada, só podemos com o coração aliviado notar que neste caso, se ele encontrou oposição, teve igualmente o entusiástico apoio da maioria dos bispos. O Espírito Santo estava a operar não sòmente nele mas globalmente em toda a Igreja Romana. João interpretou a vontade de Deus não apenas no que lhe respeitava como também no que dizia respeito aos seus fiéis.

Recordamos que teve de enfrentar rigorosa oposição de sectores desejosos de limitar os objectivos do Concílio aos problemas puramente Romanos e que receavam quaisquer preocupações mais latas. Recordamos que dum modo maravilhoso, a sua visão, o seu grande cuidado, a sua ampla caridade, persistiram e triunfaram, e acharam-se igualmente no coração do seu sucessor, para receberem mais precisa e prática expressão e direcção. Tais factos levam-me ao segundo trecho das Escrituras que me ocorre ao pensamento ao lembrar-me do Concílio do Vaticano II: «Não pela força, nem pela violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor».

Assim direi que a minha primeira impressão do Concílio é ter sido inspirado por Deus e surgir em virtude da obediência de um homem, que na sua obediência verificou ser um chefe com muitos seguidores, um intérprete do pensamento de muitos que partilharam a sua visão, o seu grande cuidado por todos os cristãos e pelas necessidades do Mundo.

Como podeis calcular as minhas impressões provêm, em grande parte, da maneira como o Concílio tratou vários problemas específicos que surgiram anteriormente. Não é minha intenção, nem da minha conta, discutir tais problemas

— a sua discussão ocupar-nos-ia durante meses — porém noto especialmente três factos:

a) A presença de observadores nas sessões conciliares, cristãos não católicoromanos, dirigentes de outras Igrejas.

Foram-lhes dados os melhores lugares, foram respeitados, honrados, consultados,



A Abadia de Westminster durante as celebrações o templo, passando pelo túmulo do soldado desconhe representante d

DO VATICANO

Pastor presbiteriano

Rev. Kenneth Tyson

tratados como irmãos em Cristo. O que se tem passado desde há tempos em círculos universitários, entre teólogos, historiadores conscienciosos e professores da Sagrada Escritura, nomeadamente comunidade total na pesquiza, estudo e discussão, teve a sua contra-partida neste enorme Concílio.

seu non) centenário e quando a rainha Isabel saía do o, À esquerda, assinalado por um x, o Bispo D. Luís, Igreja Lusitana

Quaisquer que sejam os resultados imediatos das deliberações do Concílio, tais factos significam e marcam o fim de séculos de mútuo ostracismo, se não ódio. e o começo de uma unidade, fundamentalmente muito mais importante, que uma unidade que exista meramente pelo reconhecimento de uma estrutura eclesiástica; uma unidade que já existe, que é reconhecida pelo coração se não pela mente. O facto da presença de observadores e o preito de homenagem a essa presença, indica prontidão para caminhar, abertura da mente ao comando do Espírito. No seu discurso aos observadores, o Papa Paulo pronunciou palavras valiosas: "É melhor — disse — olhar não para o passado mas para o presente e especialmente para o futuro... Estamos empenhados na criação de algo novo, na realização de um sonho. A esperança é o nosso guia, a oração é a nossa fortaleza, a caridade o nosso caminho no serviço da Verdade Divina, que é a nossa fé e a nossa salvação».

b) É notável que o Concílio tosse um Concílio, um local e um círculo de debate. Os seus membros não receberam nem aprovaram meramente os relatórios das Comissões. Debateram-nos; modificaram-nos; rejeitaram-nos. Em dada altura 90 bispos votaram contra uma afirmação relativa à colegialidade dos bispos que reafirmava a primazia e poder absolutos do Papa.

Houve larga divergência de opiniões acerca do esquema preparado, relativo à Virgem Maria.

Houve debate violento sobre o esquema conciliar *Da Liberdade Religiosa..

O primeiro relatório respeitante à Revelação Divina, em que expressamente se afirmava haver duas fontes de Revelação Divina, a Sagrada Escritura e a Tradição e que entre as duas a Tradição era a mais importante, encontrou oposição tão feroz que o Papa João interveio pessoalmente, interrompeu a discussão do relatório e ordenou que nova Comissão fosse nomeada, sendo metade dos seus membros autoridades em Sagrada Escritura.

O título de certos capítulos no Relatório sobre Ecumenismo foi modificado: *De* "Acerca de Princípios de Ecumenismo Católico» *para* "Acerca de Princípios Católicos de Ecumenismo». Pequena mudança, talvez, contudo muito importante, feita pela vontade da Assembleia e indicando o reconhecimento do Ecumenismo

não ser, nem simplesmente, nem inicialmente, um movimento católico mas viva preocupação de toda a Igreja cristã.

O Relatório respeitante à «Igreja no Mundo» embora 170 bispos falassem a seu favor, embora fosse por último aceite como base de discussão, foi pràticamente demolido em franco debate. Muitos votaram contra porque não estava suficientemente de acordo com o ensino tradicional; e muitos, de igual modo, votaram contra porque no seu julgar seguia demasiado perto o ensino tradicional.

No que respeita ao celibato eclesiástico 1598 votaram que o diaconado fosse conferido a homens de idade madura embora casados, e 629 votaram contra. 839 votaram que fosse conferido a homens novos, embora não dispostos a proferir o voto de celibato, e 1364 votaram contra.

Menciono estas coisas não para sugerir a ideia de Concílio dividido e de Igreja dividida — embora o faça! — mas antes para sugerir o facto dum Concílio e Igreja vivos — um Concílio lançando-se a novos problemas e a novos aspectos da Verdade que surgem da complexidade do Mundo moderno — um Concílio enfrentando o facto de existirem outras Igrejas sem ser sob a autoridade Romana. Para mim tudo isto foi muito encorajante e penso não poder ser de outro modo para os católico-romanos, que estão de olhos abertos para os factos do nosso Mundo.

c) Fiquei impressionado com o facto do Concílio, embora por razões ecuménicas, ter deixado algumas questões em aberto, não tornar a Unidade da Igreja o seu objectivo específico e não conduzir a sua discussão *em vista à unidade*. Neste caso pareceu seguir o exemplo do Conselho Mundial de Igrejas, que embora seja instrumento para a realização da Unidade, não existe para a conseguir, mas antes espera o seu crescimento à medida que, em todas as Igrejas, a vida se torne mais cristocéntrica.

Ter por alvo a unidade, como preocupação dominante, significaria provàvelmente não a conseguir. Projectaria o pensamento das Igrejas nelas próprias, talvez agrilhoando-as às suas estruturas e tradições eclesiásticas. Com sabedoria, o Concílio, debruçou-se antes para fora, para as necessidades do Mundo e para a Igreja, em confronto com essas necessidades. Não podemos fabricar a unidade. Unicamente pode ser dada e recebida. À medida que Cristo se tornar o nosso Mestre, acordaremos e encontrar-nos-emos Irmãos. A unidade é uma daquelas «outras coisas» que acharemos não quando a procurarmos, mas quando buscarmos, primeiro o Reino de Deus.

(Continua na pág. 15)

SENTIDO UNIVERSAL DA MENSAGEM CRISTÃ

Rev. Saul de Sousa

Toma cada vez maiores proporções a já tradicional «Semana da Unidade». Em todo o orbe cristão há encontros de irmãos que, embora vivendo separados, reúnem-se nestes dias para oração, estudo da Bíblia, palestras e refeições em comum. Em espírito de amor, de paz e de compreensão, juntam-se aos pés de Cristo, gozando assim breves momentos de comunhão espiritual. Esquecem-se agravos e recriminações mútuas. Todos, diante do Pai comum, se sentem irmãos uns dos outros, membros de uma mesma Família. Julgo não haver quem não gostasse que tais momentos se prolongassem infinitamente. E por que não há-de acontecer assim?

Debrucando-nos sobre a História do Cristianismo no seu berco, tal como nos vem descrito no Novo Testamento, começando pela Pessoa Sacrossanta do nosso Salvador, descobrimos que o sentido cósmico, universal, da sua mensagem, não é de molde a permitir compartimentos estangues, melhor diríamos, brechas, na sua estrutura. Antes pelo contrário, a rotura, a desunião, são estranhas à natureza e índole do cristianismo de Jesus; para não dizer, com mais propriedade, que com eles são incompatíveis. As divisões e rivalidades, embora muito cedo aparecessem na Igreja, são, no entanto, sem dúvida alguma, corpos estranhos que se lhe juntaram, aberrantes anomalias, autênticos quistos supurados no Corpo de Cristo que, se não fora a Igreja além de humana participar também da natureza divina, seriam só por si capazes de a destruirem.

Jamais esteve no espírito do Fundador do cristianismo a ideia de separar, desunir; mas antes buscar a todos, juntar a todos, salvar a todos... «Ide por todo o Mundo ... (Marc. 16. 15) ... ·lde ensinai todas as gentes. (Mat. 28, 19), «Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um Rebanho e um Pastor» (João 10. 16). O desejo de Cristo para todos os Seus seguidores é união e paz: • Que todos se jam um... para que sejam perfeitos em unidade, para que o Mundo creia que Tu me enviaste... (João 17. 21, 23).

Se bem que a missão de Jesus fosse especialmente «buscar as ovelhas perdidas da casa de Israel (Mat. 15. 24), no entanto não desdenhou da fé da mulher cananeia, nem desprezou a samaritana. No dia de Pentecostes põe o selo na Sua

Obra: derrama o Espírito Santo, poder carismático, que capacita os Discípulos a levarem o Evangelho a outras nações. Assim se cumpriu o que antes dissera: «Ser-me-eis testemunhas até aos confins da Terra» (Act. 1. 8). E, passados não muitos dias, o Senhor revela a S. Pedro, de modo deveras estranho, que o Seu Evangelho é para todos sem excepcao. Dos judeus e gentios — diz S. Paulo - fez um só povo (Efés. 1. 14). Deus quer que todos se salvem e venham ao conhecimento da verdade» (l Tim 2. 3, 4). Por tudo isso, a Igreja deve guardar a unidade do Espírito, pelo vínculo da paz (Efés. 4).

Analisando serenamente o rumo indicado por Cristo à Sua Igreja, não há ninguém que não se aperceba de quanto esta se tem desviado da rota gloriosa que lhe fora traçada. A História Eclesiástica prova sobejamente quanto o pecado dos homens tem restringido a acção do Espírito Santo na Igreja e através dela. E o pecado dos homens aqui é também o nosso pecado...

Triste e dolorosa é, sem dúvida, a história das divisões entre os cristãos. Já no tempo dos Apóstolos elas fizeram sentir seus efeitos perniciosos. Depois dos Apóstolos, maiores brechas se abriram no seio da cristandade. Mas certamente que a do século XI, a separação das Igrejas do Oriente e do Ocidente, e ainda mais, a do século XVI, em que grande parte da cristandade ocidental se separou da Comunhão Romana, foram as que mais profundas marcas deixaram. Não vamos aqui analisar sobre quem deve recair a responsabilidade dessas divisões. Até por que com justiça não o poderíamos fazer. Hoje reconhece-se que houve culpas de todos os lados. No entanto, não devemos esquecer que o que Deus não quer, às vezes permite. Se o Senhor na Sua sábia providência permitiu que a Igreja passasse por todos esses desaires, fê-lo, com certeza, para a purificar e fortalecer; ainda que para o conseguir tal não acontecesse sem dor nem sofrimento. Reconheçamos, pois isto é fundamental, que todas estas coisas aconteceram na Igreja de que todos os cristãos são membros. A este respeito, assim escrevia o então arcebispo de Cantuária, dr Fisher: «A Santa Igreja Católica compreende todos os que se baptizaram... e, quaisquer que sejam os seus erros e imperfeições, ou mesmo que se possam entrever entre uns e outros as posições mais estranhas, as nossas divisões estão dentro da Santa Igreja Católica e não além das suas fronteiras». E um

sacerdote católico-romano, Mons. Huyghe, acrescenta: «Chama-se católico aquele que, em cada homem não vê a sua categoria social, a etiqueta de ateu, protestante, judeu ou comunista, mas o irmão pelo qual Cristo morreu e pôs no seu caminho para receber o seu amor». E em seu recente artigo «Povo de Deus e Corpo Místico», referindo-se ao espírito que anima a Igreja em derrubar muralhas entre baptizados e não baptizados, assim se expressa outro sacerdote católico-romano, o Cónego Dorwling Carter:... «A Igreja olhou com simpatia todas as tentativas para encher o fosso que separa a assembleia dos baptizados e a massa enorme dos não baptizados e, aqui e ali, à margem do seu ensino oficial, reconheceu o direito à Salvação de toda a recta consciência... a graça de Deus inserida no Mundo pelo Baptismo dos cristãos não os coloca em situação privilegiada... mas começa por eles, os baptizados, a criação sobrenatural do Mundo... É, pois, importante para nós, reflectirmos longamente sobre o Baptismo de que somos testemunhas para o resto do Mundo e que faz de nós o ponto de inserção da Graça, para o resto do Mundo».

É grande, portanto, a nossa responsabilidade como Igreja de Cristo perante o resto da Humanidade. Todos os cristãos e suas respectivas comunidades, sem qualquer excepção, podem e devem, cada um de per si, dizer contrita e humildemente o «MEA CULPA». Aprendida a lição, devia cada um esforçar-se por reparar as brechas, aquilo que à Igreja pode ser justamente apontado como o seu «calcanhar de Aquiles», o seu ponto mais frágil, vulnerável, o maior motivo de escândalo para o Mundo: a desarmonia, a desunião entre os cristãos.

Haverá porventura quem não sinta o opróbrio desta situação? Haverá alguém que, apesar de tudo, se sinta contente consigo próprio ou com a comunidade religiosa de que faz parte, ao ponto de se julgar perfeito e auto-suficiente? (Apoc. 3. 17). Se houver, isto deve dar que cuidar... É como se alguém estivesses gravemente doente e não o reconhecesse. Esse é digno de lástima, porque perde a oportunidade, talvez a única, de se curar. Não nos iludamos. O único remédio eficaz para curar a nossa enfermidade espiritual, quer como indivíduos, quer colectivamente, é-nos indicado por Cristo (Apoc. 3. 18, 19). Reconhecamos o nosso mal. Recebamos, pela Graça de Deus, o perdão do passado. Ajoelhemos juntos aos pés de Cristo e abramos as Escrituras. Então o nosso coração «arderá» (Luc. 24. 32). A oração e o estudo da Bíblia em conjunto são as primícias de sazonados frutos no futuro

Princípios Doutrinais da Igreja

Rev. O. Guedes Coelho

Trechos do sermão pregado na Caledral em 19 de Dezembro, numa ordenação de Diáconos.

Só o cristão que renuncia, pode alcançar uma boa formação espiritual, porque só este está preparado para iniciar uma nova vida em Cristo.

S. Paulo, na sua carta aos Gálatas, define de maneira clara a vida cristã em toda a sua plenitude. Disse ele: — «Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim».

S. Paulo quando adorava a Deus como fariseu zeloso, procurou de certo cumprir a Lei; mas não deve ser menos certo que sentiu sempre uma tremenda angústia por nunca ter alcançado a perfeição desejada.

Reconhece ainda que não pode desligar-se do seu corpo mortal, mas é esclarecido pelo Espírito de Verdade entronizado no seu coração, que alcançou pela fé a sua redenção, por Cristo, Senhor nosso.

Queridos Diáconos, deixai que o o Espírito Santo conduza o vosso Ministério, porque só Ele poderá convencer o homem do pecado, da justiça e do juizo.

Não é minha intenção apresentar-vos uma sistematização das doutrinas cristãs... Não pretendo fazer apologética defendendo esta ou aquela interpretação doutrinária em desfavor de outra...

Cristãos de muitas confissões sentem uma veemente ansiedade de se libertarem do abismo em que cairam seus Pais e eles próprios. Pretende-se hoje reparar faltas passadas, promovendo a unidade visível do Corpo de Cristo, a Igreja, buscando afinidades e não controvérsia puramente negativa.

Houve, é certo, rompimentos forçados por uma maioria que não soube fazer acto de contrição, mas não podemos deixar de reconhecer que a cisão é sempre impulsionada pelo orgulho do homem.

Tentarei portanto reter a vossa atenção para três pontos que me parecem de fundamental importância—Exegese bíblica—A Igreja — Os Sacramentos.

Pode o povo cristão ler, estudar, meditar e interpretar as Escrituras? Sem dúvida, quando condicionado ao que o Apóstolo ensina em Efésios cap. 4, versículos 11 e 12.

«Cristo constituiu uns para apóstolos e outros para profetas e outros para evangelistas e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do Corpo de Cristo.»

Não resta a menor dúvida que Nosso Senhor Jesus Cristo instituiu um corpo docente na Igreja Militante, tendo-lhe dado o encargo e a responsabilidade de ensinar o Seu povo a saber ler, estudar, meditar e interpretar as Sagradas Escrituras.

Um dos mais ilustres teólogos da Reforma, Calvino, disse: — «Não é bom tentar voar sem asas» e continuando, afirma: — «Deus aponta a Seus filhos claramente o seio da Igreja».

Meus amados Irmãos, é sempre um perigo o livre-exame privado porque pode degenerar numa verdadeira anarquia exegética.

Prezados Diáconos, julgo que é vosso sagrado dever tentar conhecer as particulares interpretações dos fiéis à vossa guarda sobre as Escrituras que foram postas nas suas mãos; e corajosamente leválos a reconhecer os seus erros de interpretação e confirmar o que se harmoniza com o consenso geral da Igreja.

O ministro pode cair também nas suas particulares interpretações e para que tal não suceda importa que reconheça que a sua carta de curso não fez dele um exegeta independente; que a preparação alcançada num Seminário lhe deu apenas a possibilidade de discernir valores e aperfeiçoar os seus conhecimentos através de estudo continuado e criterioso.

Queridos Diáconos, a vossa responsabilidade já é grande, mas amanhã será maior. Importa estudar e saber o que Deus clarificou aos grandes exegetas de todos os tempos, para que estejais seguros das vossas interpretações.

Disse Nosso Senhor Jesus Cristo aos Seus Apóstolos: «Ainda tenho muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora, mas quando vier Aquele Espírito de Verdade Ele vos guiará em toda a verdade e vos anunciará o que há-de vir».

Estamos plenamente certos que o Espírito Santo mantem a Sua actividade como guia, dando aos homens a possibilidade de desvendar muitos dos mistérios que envolvem a Pessoa Santíssima de Jesus e a Sua mensagem.

A nossa Comunidade como parte integrante do Corpo de Cristo aceita toda a dogmática formulada pela Igreja indivisa nos seus concílios ecuménicos

Podemos afirmar que a nossa ortodoxia tem por base os Credos conhecidos por Niceno, dos Apóstolos e de S. Atanásio, Credos que serviram e servem, para expurgar a heresia no seio da Igreja de Cristo.

Devemos salientar que a nossa Comunidade não tem por alvo o proselitismo, arregimentar adeptos como qualquer partido político. Os nossos Pais em 1880, tiveram o cuidado de acentuar que não queriam fundar uma nova religião, subentende-se que desejavam apenas levar o pecador ao Deus vivo, porque só Ele poderia e pode retirar do seu coração a heresia, a idolatria, a superstição, a indiferença e simultâneamente enrique-

(Continua na página seguinte)

ADORAR E ADORNAR

Rev. Cónego Eduardo Moreira

Os templos adornam-se; as almas adoram.

Só o génio dum Vitor Hugo, artífice pasmoso da palavra humana e artista comentador da Palavra Divina (...«semeiem as aldeias de Evangelhos; uma Bíblia por cabana...» não foi como ele fechou essa joia literária, o «Clandio Gueux»?) tomaria aqui esses dois infinitos verbais para construir com eles uma lição imorredoura.

Só um Hugo ou um Michelet... Então? Não será esse conceito restritivo que me vai impedir de meditar convosco sobre essa dupla actividade da Igreja de Deus!

Adorar! Pôr lábios, olhos, mãos ao serviço dum coração que nasceu de Deus para amar e busca objecto digno do seu amor em germe; que quer admirar e, ao olhar em volta, ao longe e para cima, mira por hábito e instinto, remira preso do encanto das coisas e admira por fim, num despertar da consciência, num reporse em espírito, no concerto harmónico de que se vai sentindo parte. Admira o Eterno; adora.

E então ele, mera criatura, quer ser criador também; vendo como tudo opera, quer cooperar; atraído pelas coisas belas que o colocam no caminho da beleza incriada, sente-se no dever de ser belo, ou ao menos de se rodear de beleza, no seu momento mais solene, ao comunicar com o Infinito Autor, substantivo absoluto desses infinitos que descobriu: amar e ornar.

Porque existirá no fundo dos oceanos seres de pasmosa beleza, lá onde os olhos humanos nunca chegam? Porque, durante milénios, os olhos humanos não lobrigaram a beleza rectilínea, de infinitas combinações, nas infinitamente pequenas estrelas dos cristais? Porque tudo é obra de Aquele que não cessa de obrar, maravilhoso Opífice do encanto universal, música das esferas, arquitectura dos átomos, pintura das células, bailado constante das galáxias.

Afinal, como a realização fica longe do que ideamos! Amar, nesses dois sentidos que são um só sentido: adorando e adorando! O adorar, como espontâneo tributo do ser que adora, produz o artista; o adorar, como essência duma vida adornadora do seu mundo, fará o santo. Um João Ruskin, o grande apóstolo da Beleza, vê em Deus a perfeição máxima e não quer afastar-nos de Aquele que é o Supremo Amor e que, sendo absoluto como Deus, realiza o absoluto do amor.

No caminho da beleza e da santidade cresce em nós a cada passo a ânsia de melhor e mais belo, que a auto-suficiência poderá matar ou pelo menos adormecer. Cuidado! Se pararmos, seja só para ganhar fôlego.

Pois bem: será beleza maior a acumulação e profusão de ornatos?

Nem sempre. Nem nunca. Uma capelinha de aldeia, muito branca e fresca, onde o equilíbrio e a sobriedade sejam exemplares, pode ser um expoente de beleza como S. Paulo de Londres, Santa Maria, de Berna ou de Paris, ou S. Pedro de Roma. Depende das almas e também dos momentos, do cultivo estético ou da vida interior. S. João de Deus tinha nas estradas a sua catedral. S. Francisco de Assis amava mais que tudo a sua Porciúncula.

A Liturgia, «servico público» em seu significado primitivo, na acção de que todos participam, na presença invocada do Senhor de todos e de tudo, é amor de belo e do santo, do feito e do perfeito, do instante e do constante. Depende mais de nós em sua eficácia do que de aquilo que nos rodeia.

Não vale de nada fazer de novo a controvérsia dos paramentos nem vestir de novo a estamenha esgarçada dos primeiros franciscanos. Mas vale a pena adornar as vidas com os ornatos do amor fraterno e, visto que somos templos de Deus, em nossos corpos, no dizer de S. Paulo, fazer em nós mesmos a simbiose do belo que ama e do amor que encanta e atrai, num poema santo de boas obras — essa estrada que Deus põe diante de nós para caminharmos nela.

Princípios Doutrinais da Igreja (Continuação da página anterior)

cê-lo com a Verdade posta no mundo pelo Verbo feito Homem.

Não rebaptizamos porque há um só Baptismo. Não reconfirmamos nem reordenamos porque há uma só Sucessão Apostólica.

Devo por fim recordar aos novos diáconos, que estão numa Igreja de autoridade mas com liberdade. Não há entre nós clericalismo impertinente, mas também não é possível liberdade insconsciente. Todos sem excepção, têm liberdade com responsabilidade. Tendes o dever de obedecer às autoridades constituídas que estão acima de vós, sem jamais esquecer o respeito que deveis aos que se encontram sob a vossa direcção.

Os Sacramentos, como vós sabeis, são um sinal externo, visível, de uma graça interna e espiritual, concedida por Deus aos homens, através da sua Igreja.

No Santo Baptismo, pelo poder do Espírito Santo, processa-se o novo nascimento, a regeneração. O homem natural transforma-se em homem espiritual, torna-se filho de Deus, co-herdeiro de Cristo e membro do Seu Corpo, a Igreja.

O insigne teólogo Calvino, dizia: «Queremos saber que, em qualquer tempo em que sejamos baptizados, somos de uma vez e para todo o resto da nossa vida,

lavados e purificados».

O grande religioso, Lutero, afirmou: «Onde estiver o nome de Deus haverá sempre vida e salvação e daí se conclui, que com razão se chama à água do Baptismo água divina, salvadora, frutífera e cheia de graça; pois pela Palavra, o Baptismo recebe o poder de ser banho de regeneração como disse S. Paulo a Tito».

A Santa Eucaristia, à excepção de Jesus como Supremo Sacramento, é o Sacramento mais santo dos santos sacramentos dados por Deus à Sua Igreja. No entanto, com tristeza o afirmamos, tem sido ele motivo da mais aguerrida controvérsia teólogica. Afirmei no princípio que devemos procurar as afinidades e fugir às controvérsias que nos separam a fim de que o Espírito Santo nos dê a visão cada vez mais clara do grande escândalo da Igreja, as suas divisões.

(Continua na pág. 15)

A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, aquele oitavário de intercessão iniciado sob o impulso do Espírito Santo pelo Apóstolo da Unidade que foi o P. Couturier, celebra-se desde há bastantes anos em Portugal. Nunca porém como este ano houve acontecimentos tão relevantes e de importância histórica tão marcada.

Na impossibilidade de referir todos os acontecimentos de carácter ecuménico sucedidos nesse período, relataremos aqueles que, mais de perto, se relacionaram com a nossa Igreja.

INTERCESSÕES PRO UNITATE

À semelhança de anos anteriores as autoridades da Igreja Lusitana promoveram a tradução e publicação do folheto, editado em conjunto pelo Centro Ecuménico de Lyon (Católico-Romano) e pelo Conselho Mundial de Igrejas, contendo a Ladaínha da Unidade, as Lições bíblicas e os motivos de oração para cada dia. Esse folheto usou-se não só nas nossas Paróquias, como noutras, tanto Presbiterianas como Católicas Romanas.

FREI RAIMUNDO DE OLIVEIRA O. P. PREGA NA CATEDRAL DE SÃO PAULO

Presidido pelo nosso Bispo, realizou-se no dia vinte, na Catedral de S. Paulo,

um ofício de Oração e Meditação. Além do senhor D. Luís, que era acolitado pelo Leitor José Luís Rodrigues e pelo Seminarista Gilberto Bierhals da Igreja Episcopal Brasileira, tomaram Iugar

no santuário, o Deão da Catedral, rev. João Soares de Carvalho, o Cónego Pawley, da Catedral de Ely, o Cónego Gregório Neves, da Sé Patriarcal de Lisboa, o rev. Josué de Sousa, pároco da Igreja Lusitana de São Pedro, e Frei Raimundo, que pela segunda vez subia ao púlpito na nossa catedral; notáveis a claridade evangélica e o conteúdo teológico das suas palavras.

COLÓQUIO DIRIGIDO PELO CÓNEGO PAWLEY

Na noite de sexta-feira o Cónego Pawley reuniu-se numa dependência da Catedral de São Paulo com clérigos da Igreja Lusitana e com membros dos grupos de estudos ecuménicos que regularmente reúnem em Lisboa. Entre os presentes, viam-se o Cónego Gregório Neves, assistente, nomeado pelo senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, do grupo ecuménico de língua portuguesa» e o rev. dr Williams do Seminário Irlandês.

O Cónego Pawley, que é Vice-Presidente da Comissão Anglicana para as Relações Ecuménicas com Católicos Romanos e que foi representante do Arcebispo de Cantuária junto do Secretariado para a Unidade durante o Vaticano II, confiou-nos as suas impressões acerca do Concílio.

«Foi uma das muitas coisas que o Espírito Santo está a dizer, neste século, ao povo de Deus.

Provocou uma revolução na Igreja Católica Romana e surpreende que essa revolução fosse começada por um Papa, sobretudo por um homem, como João XXIII, de religião pessoal muito conservadora e com ilusões de vária ordem, em matéria de facto, acerca da cristandade. Era, fundamentalmente, um homem bom e intuitivo. O actual Papa, que está muito melhor informado acerca dos problemas, será melhor dirigente para o movimento ecuménico.

Mais do que mudanças espectaculares e abandonos de posição, exigidas por alguns que talvez pretendam que o Papa se torne protestante, é de salientar terem sido discutidos métodos e doutrinas que se julgava estarem perfeitamente assentes.

Falando duma maneira geral pode dizer-se que ficou estabelecido haver várias maneiras de encarar as doutrinas, para além duma formulação teológica ou jurídica.

Deu-se «status» de Igreja ao Patriarcado

Católica Romana para a sua renovação é obra e feito de Deus e motivo de acção de graças.»

ENCONTRO NA PARÓQUIA DE N. S. DA AJUDA

A convite do seu Prior, rev. P. Aleixo Cordeiro, cristãos de diversas confissões reuniram-se, no domingo 23, na Paróquia de Nossa Senhora da Ajuda. Pelas 19 horas celebrou-se a Santa Eucaristia no templo paroquial. Impressionou a forma como os fiéis, que enchiam completamente a Igreja, tomaram parte nos recitativos e cânticos litúrgicos e participaram da Sagrada Comunhão.

Assistiram, em lugar especial, o senhor Bispo da Igreja Lusitana, e o rev. Dimas de Almeida, da Igreja Presbiteriana.

Depois, no Centro Paroquial, um numeroso grupo reuniu-se para recitar a Ladainha da Unidade e escutou uma homilia proferida pelo senhor D. Luís Pereira.

CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA EM SÃO PAULO DO ESTORIL

No último dia do oitavário, Festa da Conversão de São Paulo, houve na Capelania Anglicana do Estoril, que tem a invocação do Apóstolo dos Gentios, uma

celebração da Santa Eucaristia em acção de graças pelo movimento ecuménico.

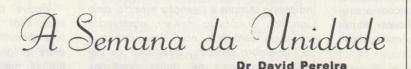
Presidiu o Bispo da Igreja Lusitana, o qual proferiu a absolvição e a bênção e distribuiu a Sagrada Espé-

cie de Pão aos fiéis. Celebrou o Capelão rev. Humphreys; a lição do Velho Testamento foi lida pelo Embaixador da Grécia (ortodoxo), a Epístola pelo Pastor da Igreja Alemã (luterano), o Evangelho por Fr. M. Legault O. P. (católico-romano), e as Intercessões pelo rev. K. Tyson (Presbiteriano).

O BISPO DA IGREJA LUSITANA PRE-GOU NA IGREJA DE S.^{TA} ISABEL

Um dos pontos culminantes da semana atingiu-se em Lisboa, nessa mesma noite. Na Igreja de S.ta Isabel, centenas de pessoas reuniram-se para intercederem pela unidade dos cristãos. Usou-se a ordem litúrgica editada pela Igreja Lusitana. Frente ao Altar Mór e face à assistência, tomou lugar o nosso Bispo, que era ladeado pelo Coadjutor da Paróquia e pelo Reitor da Igreja de S. Luís dos Franceses, trajando vestes corais. As meditações referentes às três leituras foram pronunciadas, respectivamente, pelo rev. Coadjutor, pelo Reitor de S. Luís e pelo senhor D. Luís Pereira.

É supérfluo comentar tal acontecimento. Deu-se! Fez-se história! O Espírito Santo está a actuar. Quem Lhe resistirá?



de Constantinopla e a outras Igrejas. Logo, a Igreja Católica Romana não mais se identifica, num sentido absoluto, com a Santa Igreja Católica dos Credos.

Acerca do exercício do poder papal, não foram negadas as doutrinas anteriores, mas a posição do Papa foi modificada pela doutrina da colegialidade e instituição do sínodo episcopal. O lugar próprio dos bispos na Igreja e os seus direitos apostólicos, estão a ser restaurados.

Não houve mais dogmas mariológicos e estabeleceu-se que o culto à Santíssima Virgem Maria não deve obscurecer a convergência do culto para Nosso Senhor Jesus Cristo.

A cristandade parece mais unida; 80%, dos cristãos estão dispostos a procurar os caminhos da unidade e a ir para diante no diálogo e na compreensão. Restam 10%, de católicos romanos rígidos e 10%, de protestantes fundamentalistas que, facto curioso, tomam posições bastante semelhantes. No extremo das suas posições o Espírito Santo começa a uni-los...

Será que esta minha versão é muito optimista? Os obstáculos teológicos mantêm-se, porém o esforço já feito pela Igreja

Ecos do Concílio Vaticano II

Do nosso correspondente em Roma, sr António Ferreira, membro da Igreja Lusitana, recebemos as seguintes notas que nos dão o ambiente da Cidade de Roma, nos fins do Concílio II, concílio que foi um libelo contra um passado de desunião agressiva, uma afirmação da unidade em Cristo, e esperança dum melhor mundo cristão.

Ao terminar a terceira sessão do Concílio Vaticano II, um dos observadores da Igreja Anglicana, Bispo Moorman, perguntava numa expressão de confiante expectativa: — *Podemos começar a ter os serviços religiosos em comum»?. E ele próprio la sugerindo a resposta: «Por que não, se os decretos dizem que podemos»?. Um ano depois na despedida oficial dos observadores das Igrejas cristãs na Basílica de S. Paulo, o mesmo Bispo Moorman dirigia ao Papa Paulo VI o agradecimento pelo convite em nome de todas as delegações presentes. Nessa reunião orou-se em comum a Oração do Senhor e o Magnificat. O Papa, os cardeais, os observadores, os padres conciliares, numa atmosfera densa de fé e de esperança, sentiam o peso da despedida e da separação. Um novo espírito de Pentecostes soprou na assembleia quando Paulo VI, que começou o seu discurso com a saudação protocolar «Meus Senhores», terminava-o com a amabilidade evangélica: «Meus caros irmãos».

11

Ao longo das sessões conciliares, a Igreja Romana lembrou que o Baptismo reune todos os cristãos na graça sacramental e o cardeal Bea fez-se o eco desta evidente descoberta numa das suas conferências nos Estados Unidos, que tanta simpatia lhe granjeou nos meios protestantes. Por sua vez, o decreto sobre o ecumenismo afirma explicitamente: «Bens de grande valor podem existir fora dos limites da Igreja Católica (romana): a palavra de Deus escrita, a vida da graça, a fé, a esperança, a caridade, os dons interiores do Espírito Santo. Tudo isso proveniente de Cristo, conduzindo até Ele, pertence de direito à única Igreja de Cristo».

No mesmo decreto, num tímido primeiro passo para um autêntico ecumenismo, concede-se aos católicos romanos a faculdade de frequentarem as igrejas ortodoxas e nelas receberem a comunhão, nos lugares onde não houver igrejas romanas.

Talvez nesta determinação, aliás muito limitada, se encontre traçado o caminho a percorrer por todas as igrejas até se reunirem no mesmo templo, não apenas em oração comum, mas junto do mesmo altar na «fracção do pão», concelebrando

a Ceia do Senhor. Neste grande abraço de Cristo não mais podia surgir a controvérsia "quem entre vós é o maior?", reduzida ao embaraçado silêncio dos Apóstolos quando surpreendidos pelo Mestre na mesma discussão, pois só Ele é a Verdade, a Luz e o Caminho.

11

Na Igreja Anglicana de Todos-cs-Santos na via del Babuino em Roma – um templo em estilo gótico, muito acolhedor na beleza arquitectónica do seu interior, três naves, iluminadas por lindos vitrais, tive várias vezes a feliz surpresa de encontrar bispos anglicanos e velho-católicos, observadores do Concílio, comungando na Ceia do Senhor, rezando juntos, cantando os melodiosos hinos litúrgicos ingleses, tão profundos de piedade e de significado teológico. Nos ofícios divinos jamais se deixou de orar pela união dos cristãos, indicando sempre a intenção especial pelo Concílio. O cónego Pawley, observador da Sé de Cantuária, no último domingo de Novembro passado, classificou os trabalhos conciliares de muito positivos. As suas declarações proferidas do púlpito, diante da numerosa colónia inglesa e em presenca do Bispo Moorman, que presidia aos ofícios, exprimiam uma autorizada satisfação pela reforma litúrgica, a introdução do vernáculo e major liberdade nos actos litúrgicos, a redescoberta da Bíblia, fonte da revelação, a instituição das conferências episcopais e do Sínodo dos Bispos a convocar periòdicamente. Um ano antes o mesmo cónego Pawley considerava como bem-vindas todas as reformas que levassem à maior autonomia das igrejas locais — concretizando gradualmente o novo conceito da Igreja - o povo de Deus.

IV

A aprovoção do famoso esquema XIII sobre a liberdade religiosa, embora distante da sua corajosa formulação primitiva, veio finalmente consagrar a dignidade da pessoa humana, dotada por Deus de inteligência e de livre vontade, declarando que «não se deve obrigar ninguém a agir contra a própria consciência, nem impedir de agir em conformidade com ela», estendendo o mesmo conceito de liberdade a todas as comunidades religiosas que «devem ser imunes de todas as me-

didas coercivas» no exercício da vida religiosa, no ensino e no testemunho público da sua fé, oral e escrita.

Que grande caminho andado na transformação duma mentalidade que poucos séculos atrás sancionava as fogueiras da inquisição, as guerras religiosas, as excomunhões, os anátemas. No debate sobre este esquema, o cardeal Bezan, arcebispo de Praga, teve a coragem de declarar que «talvez a Igreja esteja a expiar na Checoslováquia as antigas violações da liberdade religiosa como a morte de João Huss no século XV e a forçada conversão do povo no século XVII» «A história exige que o Concílio proclame o princípio da liberdade religiosa claramente e sem nenhuma restrição em espírito de penitência pelo passado». O espírito de João XXIII ia triunfando; a avalanche começou a rolar, destrocando as barragens a um entendimento harmonioso no campo cristão.

V

A aproximação fraterna entre as Igrejas, não apenas no âmbito de simples relações humanas, mas no próprio contexto teológico, vai-se acentuando gradualmente apesar das restrições introduzidas na elaboração final do decreto sobre o ecumenismo e da declaração sobre a liberdade religiosa que muito resfriaram a atmosfera do optimismo inicial.

Houve um acontecimento aparatoso, aliás sem consequências imediatas, do levantamento de excomunhões mútuas entre as Igrejas de Roma e de Constantinopla, mas o abraço em Jerusalém entre Paulo VI e Atenágoras I fazia suscitar esperanças imensamente mais amplas.

Brevemente, em 23 de Março próximo, o dr Ramsey, Arcebispo de Cantuária, irá em visita oficial a Roma, num gesto de amizade realizado já pelo seu antecessor dr Fisher ao visitar o Papa João XXIII. O espírito do grande pontífice, a quem os italianos continuam a chamar «o Papa bom», paira sobre a cristandade num testemunho imenso de compreensão e de bondade.

António Ferreira

«Diálogo» e «Ora et Labora»

«Diálogo», boletim da Paróquia de Sta. Maria de Belém, no seu último número, transcreve na quase totalidade a mensagem episcopal do número 51 de «O Despertar».

A Revista dos monges beneditinos de Singeverga «Ora et Labora» num ensaio sobre a celebração pública da penitência, encorporou, com ligeiras modificações, o Ofício Penitencial editado pelo Sínodo da Igreja Lusitana em 1963.

Estas transcrições, que muito nos desvanecem, são como que novos laços de co-

munhão fraterna.

Princípios Doutrinais da Igreja (Continuação da pág. 12)

Não damos a este sacramento qualquer definição teológica complicada, mas afirmamos e com todo o fervor da nossa alma, que Cristo está presente em todo o Seu poder Redentor para nos alimentar e fortalecer espiritualmente, a fim de que possamos dizer, como S. Paulo, no momento da grande chamada: «O tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé, desde agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor justo juíz me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda».

Guedes Coelho

Sentido Universal da Mensagem Cristã (Continuação da pág. 10)

Ainda hoje os termos «católico» e «protestante» são compreendidos por muitos como antagónicos. De facto, a partir da Reforma, as Escolas Teológicas de ambos os lados têm vivido num clima de tensão e de controvérsia. Mas dias virão em que se reconhecerá que «católico» e «protestante» são faces duma mesma moeda: duas tradições que se completam. Não mais «católico» ou «protestante» mas «católico-protestante». E isto não é, como à primeira vista pode parecer, uma união híbrida; mas antes uma simbiose de valores de reconhecido mérito. Conservemos o antigo catolicismo, e figuemos abertos a tudo quanto no protestantismo há de positivo e válido, à sua mensagem profética. Aprofunde cada tradição o que de melhor tem para oferecer às outras, e em todas se mantenha vivo o desejo de reforma, de renovação, de crescimento.

O Espírito que no começo «pairava sobre as águas», e que na visão de Ezequiel animou os ossos secos, veio sobre a Igreja no Dia de Pentecostes. Esperemos que um novo Pentecostes — como disse Paulo VI - venha sobre a Igreja. Não olvidemos, porém, uma coisa muito importante: quando o Espírito Santo desceu no primeiro Pentecostes, os cristãos vigiavam em oração e viviam unidos (Act. 1. 14; 2. 1; 4. 31, 32). Estaremos nós dispostos a pagar este preço? Se assim for, a plenitude do Espírito Santo virá de novo sobre a Igreja. Então esta apresentará a sua face renovada, e todos os seus membros serão poderosas testemunhas de Cristo perante o Mundo.

Saul de Sousa

O Concílio do Vaticano

(Continuação das páginas centrais)

Durante o Concílio, nós que estamos fora da Igreja Católica Romana, fomos chamados «irmãos separados» e reconhecidos calorosa e sinceramente como cristãos, membros de Cristo. As nossas «Igrejas» foram chamadas comunidades cristãs ou corpos eclesiais, mas a palavra Igreja foi usada também. Considerando a história pregressa, tais factos deram grande alegria a protestantes e a muitos católicos também e causaram já efeitos saudáveis.

No entanto alguns de nós, ficámos, um pouco preplexos. Como pode um homem ser chamado cristão e, ao mesmo tempo, negar-se-lhe que seja membro do Corpo de Cristo, da Igreja? Alguns de nós diriam: «onde houver cristãos aí está Cristo no meio, e onde estiver Cristo aí está a Igreja», Estaremos enganados? Será que a única verdadeira definição de Igreja é a que se faz em termos de estrutura eclesiástica e essa estrutura é especificamente a Romana?

Da mesma forma que chamamos uns aos outros «irmãos separados» não tenderemos a separar-nos mais, em virtude do rigor eclesiástico que evita a emergência e o reconhecimento da Igreja Una?

Durante a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos a imprensa noticiou a celebração de ofícios em Igrejas Católicas Romanas em que foram oferecidas orações pela conversão dos protestantes. Estará certo? Será condizente o tom e as palavras do Concílio com orar pela conversão dos reconhecidos como cristãos e irmãos? Talvez isso se deva ao deslize de alguém carecido de caridade, ignorante e espiritualmente desprevenido!

Uma palavra final: Sei que os católicos romanos não gostam de ser chamados católicos romanos mas preferem ser simplesmente designados católicos! Através do que disse usei o termo «católicos romanos» e fi-lo deliberadamente, porém não com o intuito de ofender ou magoar católicos romanos aqui presentes. Usei o termo por razões dogmáticas, por razões de fé, honestamente, por amor da clareza. Nós os da Igreja Reformada, somos igualmente católicos da Igreja Católica. Fui baptizado e confirmado na Igreja Católica; fui ordenado Presbítero, não da Igreja Presbiteriana mas da Igreja Católica e não posso, e não negarei, nem parecerei que nego a minha fé nem o meu lugar ou dos meus irmãos, na Igreja Católica. É urgentemente necessário que todos nós oiçamos o conselho do Papa Paulo, que olhemos não para o passado mas para o presente e especialmente para o futuro. Os católicos romanos têm que deixar de esperar, exigir, falar da nossa volta

para Roma, porque isso não poderá acontecer, a não ser que estejamos preparados para negar o trabalho e a direcção do Espírito Santo. E nós, protestantes, temos que deixar de exigir e esperar que os católicos romanos se tornem protestantes e, como tal, negar o trabalho e a direcção do Espírito Santo entre eles. O pecado pode ter tido a sua parte, e certamente a teve, no processo de divisão da Igreja no passado, mas os homens através dos quais as divisões se deram, foram homens que actuaram sob a pressão do Espírito Santo, e as divisões realizaram-se na sábia providência de Deus.

O que se pede agora de todos nós, é que reconheçamos com honestidade os diferentes caminhos ao longo dos quais havemos sido conduzidos — as nossas diferenças profundas e reais em compreensão, doutrina e prática — diferenças que reflectem a riqueza da verdade — e que estejamos prontos a ser conduzidos através delas em direcção à Igreja que emergirá em resposta à oração de Nosso Senhor.

Tempo árduo é este agora que defrontamos e que os bispos defrontam ao regressarem às suas dioceses. Por eles devemos orar. A Escritura diz: «Aqueles que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão e não se hão-de fatigar; caminharão e não hão-de desfalecer».

Caminhar, eis o principal e o mais duro de fazer; eis aquilo a que os bispos e todos nós, somos chamados a fazer juntos, tendo «a Esperança por nosso guia, a Oração como força, a Caridade como nosso modo de servir a Verdade divina que é a nossa Fé e a nossa Salvação».

Kenneth Tyson

Começo Ecuménico

Dois luteranos suecos, entraram como noviços no Mosteiro, beneditino católico romano de Erlach, Áustria, todavia não se tornaram católicos romanos. Depois do seu noviciado voltarão para a Suécia para darem início a uma nova ordem luterana que seguirá a regra de S. Bento. Os primeiros hábitos monásticos dos dois noviços foram dedicados simultâneamente pelo Bispo católico romano de Linz e o Bispo luterano de Visby. Devemos recordar que a Igreja da Suécia conservou na Reforma o Episcopado histórico e existe nela um vigoroso movimento de renovação sacramental.

O Cónego Bezerra passou por Lisboa

Este sacerdote da Igreja Episcopal Brasileira passou por Lisboa no dia 2 de Fevereiro, em trânsito para a Alemanha, onde foi pronunciar uma série de conferências.

O Cónego Bezerra, em carta ao nosso Director, referiu-se a «O Despertar» nestes termos que muito agradecemos:

«... Não sòmente para mim, mas também para outros colegas brasileiros, que recebem «O Despertar», o referido boletim é, talvez, um dos melhores que temos recebido do exterior. Parabéns por tão maravilhosa publicação da querida Igreja Lusitana! Rogo aos Céus que tão excelente boletim sempre possa chegar ao nosso endereço.»

Notícias Paroquiais Paróquia da Catedral de S. Paulo Lisboa

José Luís da Conceição Rodrigues

De medo um tanto ambiguo, de que pedimos desculpa—ambiguidade a que um sacerdote católico-romano chamou «gralha ecuménica»— diz-se no último número deste jornal que «o nosso Bispo ministrou a confirmação e instituiu Leitor e sr José Luís da Conceição Rodrigues».

Ora a Igreja Lusitana não rebaptiza ninguém, nem reconfirma ou reordena os que já devidamente o tenham sido e,

nomeadamente, reconhecee, e sempre reconheceu, a validade do Baptismo, da Confirmação e das Sagradas Ordens conferidas na Comunhão Romana. Por isso esclarecemos que José Luís da Conceição Rodrigues, já recebido em acto público meses antes como membro comungante, foi instituído Leitor da Igreja Lusitana (o que não tem entre nós

carácter de ordenação) no mesmo dia em que outros foram confirmados.

José Luís da Conceição Rodrigues tem o curso completo dum seminário católico-romano e foi aprovado nos exames de equivalência de licenciatura em teologia na Universidade de Salamanca. Está presentemente a preparar-se, com o Deão da Catedral, para se candidatar às Sagradas Ordens na nossa Igreja.

Ordens Sacras

No 4.º Domingo do Advento, 19 de Dezembro de 1965, o reverendíssimo Bispo D. Luís Pereira, conferiu Ordens de Diácono aos Evangelistas José Carlos de Oliveira Gonçalves e Nelson Pinto Horta. O rev. Gonçalves foi nomeado coadjutor das Paróquias do Espírito Santo em Setúbal, e de Cristo Remidor em Alcácer do Sal, e o rev. Horta, que se prepara para as Ordens de Presbítero, coadjutor da Paróquia da Catedral. Noutro local, publicamos trechos do sermão pregado pelo rev. Guedes Coelho.

Paróquia de Cristo Rei Luanda

Rev. dr Pina Cabral

O rev. dr Daniel de Pina Cabral visitou esta Paróquia. No domingo, 26 de Setembro celebrou a Santa Eucaristia e pregou, primeiro em inglês, para estrangeiros, há muito privados de culto na sua língua e depois para os fiéis da paróquia. Em reunião com a Junta o rev. Pina Cabral trocou impressões e inteirou-se dos problemas locais.

Actividades paroquiais

O primeiro bazar organizado pela Sociedade de Senhoras, realizou-se na Casa do Distrito do Porto, gentilmente cedida.

No passado mês de Janeiro, realizou-se umasérie, de conferências de evangelização, a cargo do rev. Pinto Ribeiro.

Alguns membros colaboradores activos do pároco, estão a preparar-se para o ministério de leitores.

Paróquia do Redentor

Porto

Visita Episcopal

O senhor D. Luís Pereira visitou esta Paróquia no dia 24 do Outubro passado, tendo ministrado a Confirmação a vários novos comungantes quase todos adultos.

Grupo Coral

O Coro da Paróquia colaborou num encontro da União Portuguesa do Esforço Cristão, que se realizou na sede da Associação Cristã da Mocidade do Porto, sendo ouvido com muito agrado.

Também tomou parte importante, na calebração do Dia de Natal.

Acção de Graças e «Te Deum»

Passou mais um aniversário da Sociedade de Esforço Cristão do Prado, da sua Secção Feminina e da Sociedade de Senhoras. No domingo 30 de Janeiro houve Culto de Acção de Graças; pregou o rev. Agostinho Arbiol, Presidente da U. P. E. C., e o «Te Deum» foi cantado pelo coro da Igreja.

Paróquia do Espírito Santo Selúbel

Melhorementos

Graças a oferta foi possível mobilar uma das dependências da igreja.

Servirá para reuniões da Sociedade de Senhoras e de sala de aula para a Escola Dominical.

Paróquia de S. Mateus

Vila Franca de Xira

Gilbarto Bierhals

Este seminarista da Igreja Episcopal Brasileira, finalista do Curso de Teologia, veio ao nosso país em viagem de estudo e cooperação com a Igreja Lusitana.

A sua actividade desenvolveu-se principalmente nesta Paróquia, sendo de realçar o trabalho que efectuou na Missão de S. Marcos em Salvaterra de Magos.

Da Oração Sacerdotal de Jesus

PELA IGREJA

Paróquia de S. João Evangelista Vila Nova de Gaia

Em memória de Diogo Cassels e de Margerida Cassels

No domingo 7 de Novembro realizou-se um culto em memória de Diogo Cassels, santo presbítero da Igreja Lusitana, e de sua filha Margarida Cassels. Foi oficiante o rev. Venâncio de Oliveira, da Paróquia do Salvador do Mundo, e pregou o Ministro da Igreja

tro da Igreja.
O senhor Bispo D. António Fiandor descerrou nesse culto uma lápide em memória de Margarida Cassels, benemérita desta Paróquia.

A Igreja do Salvador do Mundo, que também foi contemplada pelo seu legado, estava representada pela sua Junta e bom número de fiéis.

Dia do Esforço Cristão

No dia 2 de Fevereiro comemorou-se, num culto especial, o 85.º aniversário da fundação, pelo rev. Francisco Clark, da primeira Sociedade de Esforço Cristão em Portland, Maine, E. U. A.

Paróquia do Salvador do Mundo Prado — Vila Nova de Gaia

União Bíblica

A primeira reunião de 1966 efectou-se no salão paroquial, estando presentes muitos interessados. Dirigui-a o Secretário Geral.

CÓNEGO AUGUSTO NOGUEIRA

Estava este Boletim prestes a entrar na máquina, quando nos chegou a notícia de que adormecera no Senhor, com 94 anos de idade, o Cónego Augusto Nogueira, Pároco jubilado da Igreja do Salvador do Mundo, Gaia, e que era actualmente o decano dos nossos Presbíteros.

O funeral realizou-se no dia 4 do corrente, sendo os ofícios fúne-bres presididos pelo Rev.^{mo} Bispo, assistido pelos Párocos do Arciprestado do Norte, encorporando-se nele grande número de fiéis e de antigos alunos da Escola do Prado, de que o falecido fora longos anos director.

O Despertar apresenta à família enlutada a expressão da sua simpatia cristã.